

O Centro Médico Cearense: lugar de produção, conservação e transmissão do saber médico

**The "Centro Médico Cearense":
a site of production, conservation, and transmission of the
medical knowledge**

Georgina da Silva Gadelha

RESUMO: O presente texto tem como objetivo investigar como o saber médico no Ceará, através da construção do *Centro Médico Cearense*, em 1913, iniciou seu processo de institucionalização, criando e legitimando a percepção social dos médicos sobre a realidade cearense, através de sistemas simbólicos como a revista *Ceará Médico*. O *Centro Médico Cearense* é analisado como um centro aglutinador de idéias e práticas científicas médicas que, ao mesmo tempo em que procurava validar o saber/fazer institucional do médico, pensava e criava políticas públicas sobre os problemas referentes à saúde e à doença no Ceará.

Palavras-chave:

Centro Médico Cearense, Medicina Científica, Institucionalização, Ceará Médico, Políticas Públicas.

Michel de Certeau (2000), no texto *A Operação Historiográfica*, fez importantes considerações sobre o fazer do historiador estabelecendo uma relação do *permitido* e do *proibido* pelo lugar da pesquisa. A produção científica está circunscrita e legitimada pelo seu lugar de produção. Esta vinculação lugar/pesquisa faz parte dos mais variados campos de análise dos grupos. Os pares legitimam e validam as práticas e os saberes, estabelecendo uma relação de *classe*.¹

A partir desse *espaço de relações*, os médicos passaram a compreender e a construir sua concepção de mundo social, por meio de um trabalho de *representação* e construção *simbólica* do seu saber/fazer, estabelecendo, desse modo, sua percepção do mundo e construindo sua identidade. A capacidade de tornar inteligível a sua percepção de mundo reside na capacidade de unir a teoria com a prática. Assim, “o espaço social e as diferenças que nele se

¹ Para a definição de *classe* fazemos uso do conceito utilizado por Pierre Bourdieu (2001; 136): “Esta classe no papel tem a existência *teórica* que é a das teorias: enquanto produto de uma classificação explicativa, perfeitamente semelhante à dos zoológicos ou dos botânicos, ela permite explicar e prever as práticas e as propriedades das coisas classificadas - e, entre outras, as das condutas de reunião em grupo. Não é realmente uma classe, uma classe

desenham <<espontaneamente>> tendem a funcionar simbolicamente como *espaço dos estilos de vida (...)*” (BOURDIEU, 2001; 144).

Desde o século XIII, na Idade Média, com o impulso da corporação de ofícios, que deu origem às universidades, surgem os médicos desvinculados da teologia, com especificidades em suas atividades. Com a fundação das primeiras universidades em Montpellier, Paris e Bolonha e o surgimento de associações de cirurgiões e barbeiros, deu-se início à laicização das profissões médicas.

Os novos profissionais, cirurgiões, boticários, médicos e barbeiros, começaram a se preocupar com seus direitos e privilégios, solicitando ativamente o apoio da Igreja na luta contra os práticos não reconhecidos como profissionais habilitados para exercer a profissão. No decorrer da Renascença, embora em número reduzido a quantidade de médicos legitimados pelas universidades, a medicina erudita adquiria visibilidade social, principalmente devido sua intervenção no período da grande peste de 1347-1348, ocasião que gerou uma grande produção escrita. Novas especialidades começaram a se desenvolver, como a medicina legal e a higiene pública. Apesar de, dentro da própria medicina erudita, existirem ambigüidades, havia a desqualificação dos praticantes empíricos, alheios aos ensinamentos das universidades, que ficavam restritos à categoria do “vulgar” e do “popular” (LE GOFF e SCHMITT, 2002; 151-165).

actual, no sentido de grupo e de grupo mobilizado para a luta; poder-se-ia dizer, em rigor, que é uma classe *provável*, enquanto conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objectivos às acções de mobilização do que qualquer outro conjunto de agentes”.

² Alguns periódicos que circularam durante o século XIX: *Gazeta Médica da Bahia* (1866-1915), *Gazeta Médica do Rio de Janeiro* (1862-1864), *Revista Médica do Rio de Janeiro* (1873-1879), os *Archivos de Medicina* (1874), o *Progresso Médico* (1876-1880), a *União Médica* (1881-1889), a *Gazeta Médica Brasileira* (1882) e o *Brasil Médico* (1887-1964).

No Brasil, com a vinda da família real portuguesa, para a cidade do Rio de Janeiro, foram criados dois cursos de cirurgia e anatomia nos hospitais militares de Salvador e Rio de Janeiro, em 1808. Em 1832, as Academias Médico-Cirúrgicas foram transformadas em Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Posteriormente surgiu a Academia Imperial Brasileira, que tinha como um de seus objetivos atualizar e traduzir textos europeus de caráter higienista e de anatomoclínica, além de desempenhar o papel de interlocutora das instituições médicas, até meados do século XIX. Em 1850, foi criada a Junta Central de Higiene Pública. A emergência de vários centros de estudos de medicina erudita levou ao rompimento do monopólio da Academia Imperial de Medicina. A efervescência de periódicos médicos possibilitava uma circulação maior de idéias e práticas médicas.²

No Ceará, durante o século XIX, o intercâmbio de informações entre os médicos se dava através dos jornais. É corrente a existência de colunas referentes a doenças, curas (estabelecidas pela medicina erudita e popular), descobertas médicas em nível de Brasil e mundo, dentre outras informações pertinentes ao universo da saúde e da doença.

Havia a constante reivindicação dos médicos cearenses, nos periódicos do século XIX, por um lugar, espaço em que pudessem circular suas idéias e práticas. Essas chamadas constituíam-se como uma tentativa de criar um *lugar* próprio para seu grupo, com o objetivo de debater entre os pares as suas atividades, principalmente porque durante o século XIX, o Ceará foi assolado por várias epidemias e doenças, o que impulsionava a necessidade da criação de um local de debate e reflexão.

Na década de 1850, o número de pessoas vítimas da febre amarela no Ceará foi de 17.440, sendo que desse total de pessoas atacadas, faleceram 652. Numa população de 15.000 pessoas, como era o caso previsto de Fortaleza, calculou-se que 8.000 tiveram a doença, sendo apenas 261 óbitos. Na década de 1860, o *cholera-morbus* manifestou-se em Icó, tendo se espalhado posteriormente pela Província. A localidade que mais sofreu com a doença foi Maranguape, que registrou 1.960 óbitos, entre as mais de 5.000 pessoas acometidas pela enfermidade. O total de mortos no Ceará, em 1862, pela doença foi de 10.402. Em 1864, a doença se manifestou novamente atacando 6.599 pessoas, sendo que dessas, faleceram 886. As décadas de 70 e 80 foram marcadas principalmente pela varíola e febres. Em 1878, somente no abarracamento do Alto da Pimenta, local improvisado pelo governo para conter os retirantes, existiam 20.470 pessoas. Dessas, 5.681 foram atacadas pela varíola. Os indigentes dos abarracamentos somavam 125.000, dos quais 90% não eram vacinados (STUDART, 1997).

As enfermidades eram inúmeras, o número de médicos reduzido e o local para sociabilizar os saberes e as práticas inexistente. Logo, a circulação dos fazeres médicos era importante para que os profissionais pudessem refletir sobre o melhor diagnóstico para cada doença, principalmente porque o próprio procedimento do médico ainda se encontrava bastante ligado ao empirismo, ou seja, à observação. Porém, esse lugar de pesquisa e reflexão só se efetivou no início do século XX, com a construção do *Centro Médico Cearense*.

O *Centro Médico Cearense* (C.M.C.) surgiu no dia 20 de fevereiro de 1913, sob os cuidados do oculista Dr. Manuel Duarte Pimentel, no prédio da Santa Casa de Misericórdia. O médico pretendia criar uma sociedade, denominada *Associação Médica Farmacêutica*, com fins mutualistas entre as diversas categorias que compõem a classe médica. Na residência do médico Manuel Theóphilo Gaspar de Oliveira, reuniram-se 29 médicos, 18 farmacêuticos e 08 dentistas para debater sobre a fundação da sociedade. Entretanto, o médico Aurélio Lavor, discordando do nome, dos propósitos e dos Estatutos exibidos, sugeriu “(...) que se instalasse uma sociedade com objetivos científicos, como

órgão oficial de médicos, farmacêuticos e odontólogos e propôs, no momento, a denominação de Centro Médico Cearense.”³

Na reunião seguinte, discutiram os Estatutos, instalaram o *Centro Médico Cearense* e elegeram a primeira diretoria. Assumiu a presidência o médico Guilherme Studart (Barão), que tomou posse, em sessão solene, no prédio da Assembléia Legislativa, no dia 25 de março de 1913.

Segundo o médico Washington Barrata, a mudança do nome de *Associação Médica Cearense* para *Centro Médico Cearense* representava mais do que a troca de um nome, era uma bandeira, um símbolo de luta dos médicos cearenses, e era uma das mais antigas de todas as federadas, possuindo uma longa história. As alterações sugeridas pelo médico Aurélio Lavor, foram oportunas e importantes e a partir delas,

*Estava assim fundado o CENTRO MÉDICO CEARENSE, honra e glória da medicina cearense e, porque não dizer, do Brasil. Ele se impôs, não só como um dos mais velhos centros de estudos da medicina no país, mas, principalmente, pela atitude desassombrada, muitas vezes pioneira, na luta em defesa dos facultativos cearenses e brasileiros. Tanto que, mesmo com uma das menores representações, sempre foi destacada a participação do CENTRO MÉDICO CEARENSE nas reuniões da Associação Médica Brasileira, para cuja fundação foi um dos esteios.*⁴

Da criação do C.M.C. 28 profissionais da saúde acordaram em participar da associação: Abdenago Rocha Lima; Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes; Amâncio Filomeno; Anselmo Nogueira; Aurélio Lavor; Guilherme Studart; Bruno Valente; César Cals; Eduardo Mamede; Eduardo Salgado; Elizer Studart da Fonseca; Francisco de Paula Rodrigues; Gentil Pedreira; Gilberto Lopes; Inácio Dias; João Guilherme Studart; João Marinho de Andrade; José Frota; José Jorge de Sousa; José Lino da Justa; Manuel Duarte Pimenta; Manuel Moreira da Rocha; Manuelito Moreira; Manuel Gaspar de Oliveira; Pedro Sampaio; Rufino Alencar Jr.; Rui de Almeida Monte e Virgílio de Aguiar.

Destes presentes, com exceção dos senhores Rodolfo Bezerra de Menezes e Afonso de Pontes Medeira, compuseram a primeira diretoria: Presidente: Guilherme Studart; 1º vice – Dr. Francisco de Paula Rodrigues; 2º vice – Dr. João Marinho de Andrade; 3º vice – Dr. Eduardo da Rocha Salgado; Secretario

³ SALES, José Borges de. Notas para a História da Medicina Cearense – Centro Médico Cearense. In: *Anais da Academia Cearense de Medicina*. Volume V, nº 5, junho de 1989 a dezembro de 1992. p. 149.

⁴ BARRATA, Washington. O Centro Médico Cearense: subsídios para a sua história. In: *Revista Ceará Médico*. Ano 2, nº 1. Fortaleza, abril de 1980.

– Geral – Dr. Manuel Theófilo Gaspar de Oliveira; 1º Secretário: Farmacêutico Afonso de Pontes Medeira; 2º Secretário: Cirurgião-Dentista Rodolfo Bezerra de Menezes; Tesoureiro: Dr. Gentil Pedreira; Oradores: Dr. José Lino Justa e Álvaro Fernandes. Os diretores seguintes foram: 1929 e 1930 – Fernandes Távora; 1931 e 1932 – José Frota; 1933 e 1934 – Virgílio de Aguiar; 1935 – Jurandir Picanço; 1936 – Carlos Ribeiro; 1937 a 1940 – César Cals de Oliveira.

Os Estatutos⁵ de sua criação traziam como *Titulo I*, as finalidades do *Centro Médico Cearense*. O artigo primeiro estabelecia:

- a) Promover a união dos membros das classes medica, pharmaceutica e odontológica, estabelecendo entre elles laços de confraternidade, assistência e socorros mútuos, afim de proteger a sua autoridade e agir no seu interesse moral, economico e social.
- b) Promover o estatuto, e trabalhar, por todos os meios, pela solicitação de todos os problemas medico-sociais, de interesse local.

Em seu artigo 3º, ficou estabelecido como se daria a consecução dos ideais do C.M.C., através da promoção e amparo à fundação de:

- a) Institutos ou estabelecimentos destinados ao estudo da medicina em qualquer de seus ramos e, principalmente, medicina e hygiene tropicais, câncer, lepra, etc;
- b) Instituições e estabelecimentos de assistência a enfermos, mulheres grávidas e puerperas, crianças, inválidos e desprotegidos de qualquer natureza (sanatorias, polyclinicas, hospitaes, enfermarias especializadas, azylos, << gotas de leite >>, crèches, etc);
- c) Instituições ou obras quaesquer, capazes de, directa ou indirectamente, favorecerem a hygiene, puericultura e eugenia.

Ficaram estabelecidas também, no *Titulo XII*, as seguintes comissões técnicas especiais: I. Medicina geral; II. Cirurgia geral e Obstetrícia; III. Medicina e Cirurgia especializadas; IV. Hygiene e ciencias afins da medicina; V. Pharmacia; VI. Odontologia.

A finalidade das comissões era estudar questões propostas pelo *Centro Médico Cearense*, e as mesmas deveriam ser compostas por três membros eleitos anualmente e reelegíveis, os quais deveriam escolher um para presidente.

⁵ Estatutos do Centro Médico Cearense (Revisados em Março de 1928). In: Revista *Ceará Médico*. Anno VII. n° 4. Fortaleza, dezembro de 1928.

Durante a primeira fase do C.M.C., Guilherme Studart desenvolveu as seguintes atividades: “(...) fez muitas reuniões, congregar os médicos cearenses, recepcionou os visitantes, colaborou na fundação de secção local da Cruz Vermelha Brasileira, promovendo festival beneficente ajudou a fundação da Sociedade Oswaldo Cruz, destinada a manter o Instituto Pasteur” (LEAL, 1079; 139).

Em tempos de enfermidades, foram constantes as chamadas públicas sobre a atuação do *Centro Médico Cearense*, o que evidencia a importância de sua atuação:

Por causa de recrudescerem nestes tempos as <<infecções intestinaes>> que de longa data victimam a nossa população, surgem os defensores (...) da saúde pública, em ataques repetidos ao << Centro Medico>> como se fora esta associação do corpo clinico de Fortaleza responsável pelo estado sanitário.⁶

Por sua vez, os médicos apresentavam um contraponto sobre a quem pertencia a responsabilidade pela saúde pública. Entravam, assim, em pauta, questões sanitárias e responsabilidade pública:

No entanto, si não fora a confusão em que se perdem estes espíritos desavisados, talvez não se fizesse mister apontar quem mereça ser censurado pelas condições de nossa hygiene publica ou melhor a improcedência de ataques ao <<Centro>> neste particular das <<infecções intestinaes>>. Essas doenças são simplesmente uma das muitas e lamentáveis conseqüências da nossa nenhuma hygiene publica. (...). Os nossos representantes junto ao Governo, se assim podemos denominar os médicos que tem servido como Inspectores de hygiene, não se descuidaram, um por um, inclusive o que serve actualmente, de occupar quasi todo o relatório annual em descrever as nossas precárias condições hygienicas e os perigos a que nos expomos decorrentes d’ahi. E não se limitam aos relatórios, pessoalmente clamam, apontam ao Governo o caminho a seguir em beneficio da Saúde Pública, mas infelizmente cousa alguma se ha feito. (...). A administração publica é que precisa preocupar-se com a nossa hygiene, tratando quanto antes de uma organização

⁶ A Saúde Publica e a Classe Medica de Fortaleza. In: Revista *Norte Medico*. Anno III. nº III. Fortaleza, novembro e dezembro de 1915. nº 3 e 4. p. 2.

*sanitária capaz de nos defender dessa infinidade de doenças que estão celebrando a nossa terra.*⁷

A preocupação com uma organização sanitária para o Ceará não se restringia à capital, mas a todas as áreas, principalmente o interior, devido às constantes interações entre sertão e área urbana:

*E não podemos cingir á capital exclusivamente, temos que estender as vistas ao interior. A acção da hygiene para ser proveitosa, precisa ser radical e completa, deve dirigir-se ao mal e ás suas disseminações. Será trabalho improficuo sanear-se Fortaleza, por exemplo, deixando-a em contacto directo e freqüente com todo interior contaminado.*⁸

Os médicos eram enfáticos sobre os papéis e responsabilidades sociais do C.M.C. e do governo:

*Não é, pois, a nós do Centro Medico que se deve dirigir qualquer appello, não é diante de nós que se devem fazer quaesquer considerações sobre a salubridade de Fortaleza; nós somos apenas melhores conhecedores de nossas misérias, e mais do que quer que seja possa ter a nossa desprotegida população. A arte de curar em que se resume a clinica, applica-se ao individuo, á collectividade destina-se a arte de preservar a saúde e prevenir as doenças, affecta ao Estado. (...). Assim, pois, pensamos ter bem potenteado que as medidas necessárias contra este flagello que impressiona actualmente a nossa população, contra todas as doenças evitáveis que encontram tão boa acolhida em nosso meio, não dependem do corpo clínico, estão acima de suas forças, reclamam soberanamente a attenção do Estado, a adopção de uma efficaz organização sanitária. O que a imprensa diária precisa fazer, o que devemos fazer em nosso periódico scientifico e por todos os meios possíveis é chamar a attenção do Governo sobre este estado de cousas que tão bem conhecemos, é trabalhar perante os poderes públicos do Estado para que seja tomada na devida consideração este magno problema de Saúde Publica, sem o que não póde haver regularidade, nem progresso na vida do Estado.*⁹

⁷ Idem. p. 2 e 3.

⁸ Id. Ibidem. p. 3.

⁹ Id. Ibidem.p. 5.

A ação conjunta de médicos e governo era necessária para combater os flagelos das doenças e tornar o Ceará um lugar saudável. Porém, a responsabilidade maior sobre a higiene recaía sobre a administração pública.

Percebemos assim, que a primeira fase do C.M.C., além de buscar legitimar e fortalecer o saber/fazer dos médicos, farmacêuticos e odontólogos, caracterizou-se por um “planejamento” de uma intervenção sanitária no Ceará, que se desenrolou, propriamente, durante a década de vinte em diante. Os médicos caminhavam principalmente *rumo ao campo*, pensando em políticas interventivas de saneamento e controle de doenças.

¹⁰ SALES, José Borges de. Notas para a História da Medicina Cearense – Centro Médico Cearense. In: *Anais da Academia Cearense de Medicina*. Volume V, nº 5, junho de 1989 a dezembro de 1992. p. 151.

¹¹ Médicos presentes à reunião: João Hipólito, Amaral Machado, Barreira Cravo, Odorico de Moraes, Amadeu Furtado, Luis Costa, Álvaro Fernandes, Carlos Studart, Vóssio Brígido, Eliezer Studart, Clóvis Moura, Hélio Góes, Leite Maranhão, Vicente Pordeus, Pedro Sampaio, César Rossas, Carlos Ribeiro, Fernandes Távora, Campos Júnior, César Cals, Otávio Lobo, Adalberto Studart e Leão Sampaio, sob a presidência do Guilherme Studart. In: *Revista Ceará Médico*. Anno VI, nº 1. Fortaleza, setembro de 1928. Acta da Reinstalação do Centro Médico (Resumo), em 27/3/1928.

¹² LAVOR, Aurélio de. Os Nossos Médicos. In: *Revista Ceará Médico*. Ano VII. nº 1. Fortaleza, setembro de 1928.

Após 1919, o *Centro Médico Cearense* sofreu certa descontinuidade, retornando suas atividades em 1928. Não se sabe ao certo o que efetivou a suspensão de suas atividades. Estima-se que com a pandemia gripal, em 1918, conhecida por gripe espanhola, que matou inúmeras pessoas na cidade e no interior, houve certo *cansaço* e *marasmo* por parte dos médicos, o que fez com que o *Centro Médico Cearense* diminuísse suas atividades por quase dez anos.¹⁰

A ausência de um argumento que justificasse a redução das atividades do *Centro Médico Cearense* fez com que no dia 27 de março de 1928, reunissem-se vários médicos¹¹ com o objetivo de reorganizá-lo. Os médicos reunidos decidiram continuar a sociedade com a mesma denominação, reformaram os Estatutos, mantiveram a revista *Ceará Médico*, criaram uma Escola de Medicina Tropical e Antropológica, tentaram fomentar estudos sobre a eugenia e aclamaram Álvaro Fernandes como presidente, que renunciou posteriormente devido a seus afazeres em sua clínica.

O médico Aurélio de Lavor, em um artigo intitulado *Os Nossos Médicos*, publicado em setembro de 1928, na revista *Ceará Médico*, referiu-se com muito júbilo ao Centro Médico:

*Parece haver chegado a classe medica do Ceará uma era de renascimento. (...). O seu cenáculo, que é << O Centro Medico >>, vai celebrando, uma vez por semana, sessões plenas de vida intellectual, consagradas ao estudo de problemas clínicos e deontologicos de maior alcance. Esta actividade coletiva é simples reflexo da operosidade habitual de cada um, pois os nossos profissionaes constituem uma plêiade de estudiosos, em contacto mental, permanente com os mestres do velho e do novo mundo.*¹²

Durante 1928 e 1929, segundo Leal, muitos foram os afazeres do C.M.C.:

Por todos esses dois anos, isto é, de 1928 e 29, a nossa associação fez muito também, na divulgação de normas de Higiene, de conselhos à população acerca do uso da água, dos alimentos e de uma vida mais saudável, obtendo completo êxito na Semana Anti-alcóolica que patrocinou, juntamente com o Serviço de Saneamento Rural. (LEAL,179; 140)

No ano de 1932, em Assembléia Geral realizada pelo *Centro Médico Cearense*, os Estatutos foram revistos novamente, modificados onze artigos (1º, 3º, 5º, 6º, 7º, 21º, 27º, 35º, 42º, 44º, 48º) e suprimido o de número 54º. Na ocasião, o Dr. Octavio Lobo, encarregado de criar uma grande associação da classe farmacêutica e odontológica, solicita saber qual o ponto de vista do *Centro Médico*. O posicionamento fora o seguinte: “(...) cada classe ficará como seu Centro independente e autônomo, contribuindo, todavia, para a formação de um conselho, federação ou cousa semelhante, com o fim de manter uma sede social e uma revista científica e propugnar pelo interesse moral e material das classes referidas.”¹³ Com a reforma dos Estatutos, rompia-se a visão *mutualista* inicial do C.M.C. e a sociedade passava a agregar apenas os médicos.

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, o *Centro Médico Cearense* promoveu a colaboração dos médicos ao Serviço de Saúde das Forças Armadas: 46 médicos fizeram o Curso de Oficiais da Reserva e foram incorporados. Nesse mesmo período criou-se o primeiro Banco de Sangue no Ceará.

No período pós-guerra, verificou-se a participação dos médicos cearenses, através do Centro Médico, no *Congresso Brasileiro dos Problemas Médicos Sociais do Após-Guerra*, realizado em Salvador. Os temas debatidos foram: *O exercício da profissão médica no Brasil de após-guerra*, *Questões de saúde e assistência na cidade e no campo* e *O problema da alimentação no Brasil de após-guerra*. O Congresso foi finalizado com a elaboração de uma *Declaração de Princípios*, como síntese dos debates.

O *Centro Médico Cearense*, por volta da década de 1950, perdeu sua força de congregar os médicos, pois havia outras sociedades¹⁴ que atraíam sua atenção e participação:

O ocupante seguinte da cadeira da presidência do Centro Médico foi o pediatra Vinícius Barros Leal, que lutou, durante a sua gestão, para manter a frequência às reuniões

¹³ Resumo da acta da 63ª sessão Extraordinária do Centro Médico Cearense, realizada em 7 de outubro de 1932. In: Revista *Ceará Médico*. Ano XII. nº 5. Fortaleza, março de 1933.

¹⁴ Em 1913, foi criado pelo médico Abdenago da Rocha Lima o *Instituto de Proteção e Assistência à Infância*; em 1913, os médicos Eduardo Salgado e Eliezer Studart criaram o *Serviço Clínico Salgado e Fonseca*; em 1915, instalou-se, através do médico Manuelito Moreira, a *Maternidade dr. João Moreira*; em 1916, fundou-se a *Faculdade de Odontologia e Farmácia do Ceará*; em 1918, o médico Carlos Ribeiro montou seu *Laboratório de Pesquisas Clínicas*; em 1918, o farmacêutico Afonso Pontes Medeiros e o médico Carlos Ribeiro fundaram o *Instituto Pasteur*; em 1925, foi inaugurado o *Gabinete de Radiologia da Santa Casa*; em 1928, foi inaugurado o *Leprosário Antônio Diogo*; em 1928, sob a direção do médico Rocha Lima, foi inaugurada a *Casa de Saúde São Lucas*; em 1928, foi fundada a *Casa de Saúde Dr. César Cals*; em 1930, sob a direção do médico Antônio Justa, foi inaugurado o *Vacínogênio Rodolfo Teófilo*; em 1933, sob a direção técnica dos médicos J. Otávio Lobo e Pedro A. Sampaio, foi fundado o *Sanatório de Messejana*; em 1934, inaugurou-se o *Asilo de Menores Juvenal de Carvalho*;

semanais. Por esse tempo, as Sociedades que reuniam os médicos das diversas especialidades e as sessões clínicas na Faculdade de Medicina concorriam seriamente para desmotivarem o comparecimento ao Centro. O novo Presidente apelou até para sorteios de passagens e outros atrativos a fim de chamar os colegas. Cursos de inglês, de psicologia infantil e outros, não surtiram o esperado efeito. (LEAL, 1979; 146)

Até por volta da década de 1940, o C.M.C. ainda se apresentava como uma sociedade importante para a classe médica. Foi durante a reunião do dia 26 de junho de 1931, que surgiu a idéia da instalação de um Sindicato dos Médicos no Ceará. A proposta foi bem recebida inicialmente, mas não logrou êxito devido à ausência de um elemento aglutinador de interesses por parte dos médicos. A maioria deles não tinha vínculo empregatício, o que não tornava de caráter urgente a defesa da *classe* perante o patrão. Somente 20 anos depois, em 1974, houve a instalação do Sindicato dos Médicos Cearenses.

Em 1958, ainda sob a coordenação do C.M.C. foi iniciada uma comissão para tratar da criação e instalação do Conselho Regional de Medicina do Ceará. O Conselho Provisório funcionou no Centro e a eleição para a composição da diretoria definitiva aconteceu em 1960.

A partir dessa atuação junto à regulamentação da medicina e do pensar a doença e o social, pode-se julgar a importância do *Centro Médico Cearense*, como elemento aglutinador dos médicos e seus interesses. Fomentando debates e discussões, os doutores em medicina podiam constantemente repensar seu *saber*, seu *fazer* e sua existência enquanto *classe*.

Na comemoração do seu 27º aniversário, realizado no salão nobre do Club Iracema, no dia 25 de março de 1940, foi ressaltado pelo orador Jurandir Picanço as duas principais *condutas* que dignificaram a estrutura social do Centro Médico e o mantiveram ativo por 27 anos:

A primeira é a fidelidade aos princípios que presidiram a sua fundação. E a segunda, ao nosso ver de grande honra e valia, tem sido a leal, sincera, dedicada, dinâmica e construtora colaboração que manifestaram em todos os tempos, os seus sócios fundadores que são, hoje, os nossos mais destacados colegas e que sempre foram os mais assíduos componentes do quadro social.¹⁵

em 1935, instalou-se o Serviço de Assistência à Maternidade e à Infância; em 1935, inaugurou-se a Casa de Saúde S. Gerardo; em 1936, inaugurou-se a Maternidade Senhora Juvenal de Carvalho; em 1936, criou-se o Serviço de Assistência Municipal; em 1938, instalou-se o Pensionato Eduardo Salgado; em 1939, foi fundada a Casa de Saúde S. Raimundo; em 1939, foi inaugurado o Hospital dos Marítimos; em 1948, foi fundada a Faculdade de Medicina do Ceará.

¹⁵ As Comemorações do 27º Aniversário do Centro Médico Cearense. In: Revista *Ceará Medico*. Ano: XX, nº. 3 e 4. Fortaleza, março e abril de 1940.. p. 3.

O respaldo social do Centro Médico foi enfatizado através da não deserção dos seus sócios: “(...) E para se sentir a justiça do enunciado da segunda linha estrutural, nada mais significativo de que se verificar que do número dos sócios fundadores e veteranos *nunca houve nenhuma deserção*, a não ser pela própria morte (...)”¹⁶ (grifos nossos).

Somente à proporção em que aumentaram as associações e clínicas médicas, houve um deslocamento dos médicos do C.M.C. para outros lugares de trabalho e estudo, fazendo com que a instituição diminuísse o seu papel catalisador dos médicos e dos debates sobre saúde, salubridade, higiene e doença.

Memória Escrita: a revista *Ceará Médico*

Com a criação do *Centro Médico Cearense*, ficou estabelecida, no artigo 46 do seu Estatuto, a criação de uma revista, com o objetivo de divulgar os estudos desenvolvidos pelos médicos do Ceará e de outros lugares: *“A elaboração da Revista terá um fim minimamente prático, devendo cada produção trazer a assinatura do seu autor.”*¹⁷

A criação de um periódico médico pode ser analisada sob a perspectiva prática e como legitimação de um saber, pois tende a analisar e construir uma realidade, estabelecendo uma ordem médica sobre a saúde e a doença, através da legitimidade da palavra daqueles que a pronunciam e escrevem, estabelecendo, desse modo, um sentido de conhecimento e comunicação, constituindo-se, paulatinamente, como um *poder simbólico*, pois, “*È enquanto instrumentos estruturantes de comunicação e de conhecimento que os << sistemas simbólicos >> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação (..)*” (BOURDIEU, 2001; 11).

Esse poder não pode ser visto, inicialmente, como algo deliberado para o controle e imposição de uma prática sobre outras. Mas como algo que estava sendo construído sob a ótica de um grupo para a sua própria percepção do mundo social. A função propriamente ideológica, de luta de classes, pode ser considerada quando os saberes e as práticas médicas se encontram mais consolidadas sob a ótica do próprio grupo, estabelecendo, neste sentido, uma percepção de si e do outro.

O final do século XIX e o início do XX podem ser referenciados como o período dessa efervescência de legitimidade de práticas e saberes, de inclusão e exclusão de grupos, da separação da razão e da fé na ciência médica. Porém, seria um erro negligenciar os vários manuais médicos que surgiram no período

¹⁶ Idem. p. 4.

¹⁷ Estatutos do Centro Médico Cearense (Revistas em Março de 1928). In: Revista *Ceará Médico*. Anno VII. n.º. 4. Fortaleza, dezembro de 1928.

colonial e imperial, como forma de divulgar a medicina erudita na teia social. Entretanto, esses próprios manuais ainda apresentavam certa junção entre saber popular e erudito em suas páginas, o que os diferenciavam propriamente de uma *luta* pelo saber. Suas funções eram mais de divulgação.

O campo dessa luta se deu efetivamente quando os agentes de uma mesma prática se reconheceram como classe e se afinaram em termos ideológicos. Ou seja, o médico, através do saber científico, constituiu uma equidade entre as práticas, estabelecendo visões de mundo diferentes.

Isso quer dizer que, no Ceará, inicialmente, havia uma demanda para a criação de um veículo médico difusor das experiências e dos avanços da ciência médica, que se preocupasse, sobretudo, com os problemas da saúde cearense, constituindo-se como um *símbolo* difusor do saber médico. Assim, foi criada a revista *Norte Médico*, tendo o seu primeiro número em 17 de abril de 1913. Os redatores da primeira fase do periódico foram: Aurélio Lavor, César Cals e Virgílio José de Aguiar.

Durante a circulação do periódico houve muita descontinuidade, o que se observa desde os primeiros anos de sua tiragem: “Como o batel escapo da tempestade volta sempre a singrar as ondas encapeladas do mar revolto, ressurgue também agora o *Norte Medico* na arena da imprensa médica, lutando embora com a indiferença de uns e o desanimo de outros.”¹⁸

Apesar das idas e vindas no cenário da informação, o seu programa inicial, de divulgação das práticas médicas, sempre fora mantido:

Traçar o seu programma quase não se fazia mistér; pois, órgão do Centro Medico Cearense, continuará a ser um vector de noções teóricas e praticas relativas á arte de curar e á Hygiene, não lhe escapando também ao estudo as hadiernas questões medico-sociaes, ao mesmo tempo que se collocará sempre na vanguarda para a defeza dos interesses colectivos ou individuaes das classes que o compõem e para a fiel execução dos sãos princípios da odontologia medica. De certo não será uma revista na qual doutrinem mestres, mas um simples registro clinico das muitas observações e ensinamentos colhidos na pratica das sciencias medicas. Não descurará igualmente o Norte Medico o estudo de nossa demographia sanitária e de nossa meteorologia, ao mesmo tempo que procurará acompanhar

¹⁸ Norte Medico. In: Revista *Norte Médico*. Anno III, nº 1. Fortaleza, setembro de 1915. p.1.

*a marcha das sciencias medicas em seu eterno envolver, por meio de resumos criteriosamente feitos do que a imprensa medica, nacional e estrangeira, publicar digno de ser divulgado, além de notas therapeuticas e noticias outras que se relacionem com a profissão medica. Órgão do Centro Medico Cearense, acolherá no entanto com prazer em suas columnas os trabalhos que lhe forem enviados por médicos, pharmaceuticos ou cirurgiões dentistas, em uma palavra por todos os cientistas, de aquem e de além das fronteiras do Estado.*¹⁹ (grifos nossos).

A produção da revista e a manutenção de sua estrutura inicial, com suas regras e convenções, deram materialidade ao texto e deixaram evidente a qual tipo de leitor estava destinada a produção, limitando sua circulação a uma comunidade de leitura específica, criando uma “corporeidade social e culturalmente construída.” (CHARTIER, 2001; 32) Segundo Chartier, “(...) há livros ou textos impressos que se transformam em práticas ou em comportamentos para aqueles que os lêem e para aqueles que os escutam ler (...)” (Idem; 35). Estes textos moldam comportamentos e práticas, atribuindo determinadas doutrinas a um grupo de intelectuais.

O intercâmbio entre as várias revistas científicas foi tema corrente também nas sessões dos médicos. A troca de informações era importante para se manterem atualizados sobre o progresso da medicina. Vários foram os correspondentes em outros Estados.²⁰

É necessário colocar aqui que os trabalhos científicos não são meramente uma seleção de idéias apropriadas passivamente pelos pares. Elas funcionam como subsídios para a elaboração de novas suposições, ou seja, “(...) os trabalhos científicos são parecidos com uma música que fosse feita não para ser mais ou menos passivamente escutada, ou mesmo executada, mas sim para fornecer princípios de composição”. (BOURDIEU, 2001; 63) Há uma reativação do novo a partir do texto exposto inicialmente. Neste sentido, pode-se falar em uma tentativa de acumulação dos saberes e dos fazeres, a partir das melhores produções realizadas pelos médicos, no passado e no presente. Trata-se inicialmente de uma escrita para a conservação, a fixação e a memória da medicina, a qual sofrerá uma interação com o seu leitor, tornando-se uma leitura para a prática intelectual.

Em 1917, a revista deixou de se chamar *Norte Médico* para se chamar definitivamente *Ceará Médico*. Um dos principais motivos apresentados para

¹⁹ Idem. p. 1 e 2.

²⁰ Acta da 4ª sessão do Centro Medico (resumo). Em 18 de maio de 1928. In: Revista *Ceará Médico*. Anno VI, nº 1. Fortaleza, setembro de 1928.

a alteração do título foi a amplitude da abrangência do nome *Norte*: “O Norte é muito vasto e já possui muito illustres colegas que tão bem ou melhor do que nós o representam na imprensa medica”, o que implicaria “(...) pouca modéstia de nossa parte continuar a usar um nome que, por assim dizer, lança sobre os nossos ombros uma responsabilidade acima de nossas forças.”²¹

Restringir o nome da revista significava também limitar o espaço de interesse de estudo, apesar de haver inúmeros artigos de outros lugares. Esse intercâmbio de artigos possibilitava um maior aprofundamento sobre as enfermidades cearenses. Desse modo, a grande preocupação era com o Ceará, por isso, “O << Ceará Medico >> nada mais é que ex- << Norte Medico >>, com o mesmo programma, os mesmos redactores, os mesmos idéaes, apenas com um nome mais de accordo com o próprio programa.”²²

Apesar de apresentar um papel fundamental para a comunidade científica médica do Ceará, a revista, assim como o *Centro Médico Cearense*, sofreu uma descontinuidade em sua tiragem, retornando apenas em setembro de 1928, sua segunda fase, com os seguintes redatores: Odorico de Moraes, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Carlos Studart Filho e Hermógenes Pereira. A ruptura foi apresentada como fruto do descaso dos cearenses por assuntos científicos, condenando as revistas científicas a um *fadário inglorioso*.²³

A continuidade da revista é apresentada como de fundamental importância para a classe médica, a qual seria *porta-voz* dos colaboradores e dos seus ensinamentos nos domínios da teoria e da prática, para que não ficassem esquecidos nos consultórios e hospitais:

Reconstituindo o << Centro Medico Cearense >>, era fatal que revivesse o órgão da classe, instrumento imprescindível de uma agremiação de homens cultos que estudam, aprendem, meditam e tem a obrigação moral de ensinar aos seus contemporaneos os fragmentos da verdade que vão lenta e penosamente arrancando ao grande mysterio da vida. Compreende-se bem que, esse admiravel veiculo da imprensa, as pequenas ou grandes descobertas pouco aproveitariam á humanidade, restrictas que ficariam á estreitissima órbita da acção e tradições oraes, sempre precárias e falazes. E’ pois, com desvanecimento e jubilo que vimos trazer á luz da publicidade o << Ceará Medico >>, que reenceta

²¹ O “Ceará – Medico”. In: Revista *Norte Medico*. Anno V, nº 1, Fortaleza, março de 1917. p. 22.

²² Idem. p. 22.

²³ Voltando á Arena. In: Revista *Ceará Médico*. Anno VI, nº.1. Fortaleza, setembro de 1928. p. 3.

*hoje a jornada interrompida, não sabemos si para caminhar muito ou pouco; mas certamente para transmitir, com fidelidade, as idéias, conhecimentos e experiência da pela actual geração medica cearense, cuja operosidade, proficiência e cultura no silencio dos consultórios ou na dolorosa faina dos hospitaes.*²⁴

Apesar das constantes chamadas evidenciando a importância do periódico, é possível perceber a dificuldade em manter sua continuidade. Ao longo do seu curso, foram sugeridos novos modelos e formas de edição. Em 1930, tornou-se evidente a dificuldade em mantê-lo. A revista foi pauta da 43ª sessão ordinária do *Centro Médico*. Na ocasião, o Dr. Pedro Sampaio fez uma explanação sobre a situação financeira da manutenção do periódico: “(...) mostra o trabalho afanoso e o prejuiz que tem acarretado para chegar ao 10º numero na sua direcção. A revista soffre suas crises graves – monetária e espiritual.”²⁵ Posteriormente, o mesmo médico pede soluções para o problema.

Uma das soluções foi apresentada pelo médico Cesar Cals, que foi prontamente repudiada: “(...) que a Revista seja de 2 em 2 mezes, em vez de mensal como está sendo editada.”²⁶ A reação geral da recusa, demonstra a importância do periódico para os médicos, apesar de sua crise financeira.

Em contraponto à proposta do colega acima, o Dr. Pedro Sampaio apresentou outra sugestão propondo “(...) que os collegas em seus receituários em igualdade de condições, e de preço, dêem preferência ao preparados pharmaceuticos annunciados na Revista. Com isso seria maior o numero de annunciantes e a Revista manter-se-á – ella que é a vida do Centro.”²⁷

Apresentadas as sugestões, os médicos deliberaram como solução para o problema um trabalho coletivo de todos junto às farmácias e na arrecadação de mensalidades no interior e na capital, sendo escolhido em cada cidade, um profissional pela cobrança mensal junto à categoria, bem como pelo envio da arrecadação à direção da revista.

As propagandas de remédios e de consultórios sempre estiveram presentes no periódico, o que houve foi uma intensificação dos mesmos, como forma de obter recursos para o seu próprio financiamento. Entretanto, durante os anos de 1960 sua tiragem foi suspensa, tendo sido alegado como motivo, pelos membros da diretoria, a tiragem limitada e sua reduzida circulação.

Em 1979, a revista *Ceará Médico* adentrou sua terceira fase procurando dar continuidade a sua publicação, enfatizando sua importância e relevância para

²⁴ Idem.

²⁵ Acta da 43ª sessão ordinaria do Centro Medico Cearense (resumo). Em 5 de fevereiro de 1930. In: Revista *Ceará Médico*. Anno X, nº. 3. Fortaleza, maio de 1931. p. 19.

²⁶ Idem.

²⁷ Id. Ibidem.

²⁸ Continuidade. In: Revista *Ceará Médico*. Ano 2, nº 1, Fortaleza, abril de 1980. p. 1.

²⁹ Idem.

Key words: "Centro Médico Cearense" - Scientific Medicine - Institutionalization - "Ceará Médico" - Public Policie

Artigo

Recebido: 11/03/2008

Aprovado: 11/05/2008

a classe médica como órgão de divulgação, que acolhe "(...) as tendências e as vocações existentes, o intercâmbio das informações com os outros centros brasileiros e internacionais de pesquisas, e as reivindicações de toda a classe médica".²⁸ Constituindo-se, assim, como preocupação básica da contemporaneidade, representada por todos os eleitos da classe dos médicos, com a "histórica entidade dos Médicos do Ceará".²⁹

ABSTRACT: The actual article aims to investigate how the medical knowledge in the state of Ceará, Brazil (through the construction of the "Centro Médico Cearense", in 1913) started its process of institutionalization, creating and legitimating the social perception of the doctors about the state of the Ceara's reality, through some symbolic systems such as "Ceará Médico" magazine. The "Centro Médico Cearense" is analyzed as being a unified center of ideas, and scientific and medical practices that, at the same time that intends to validate the institutional know-how of the doctors, thought about and created public policies related to the health and disease in the state of Ceará.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-119.

CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

LEAL, Vinicius Barros. *História da Medicina no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1979.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol. 2. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 151-165.

STUDART, Guilherme de. *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*. Fortaleza: Fundação Aldemar Alcântara, 1997.